

ANÁLISE DAS RELAÇÕES PARENTAIS: O QUE PENSAM AS MÃES EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS?

Maria Aparecida de Araújo Silva ¹
Ana Cristina Rabelo Loureiro ²

RESUMO

A família é considerada como principal lócus de construção identitária dos sujeitos, de consciência social e referenciais morais e religiosos, sendo um dos maiores pilares no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Considerando as diversas mudanças econômicas e sociais, verifica-se o surgimento de novos modelos familiares, como os monoparentais, unopessoais e recompostas, a partir da reorganização dos padrões de funcionamento observadas no ambiente familiar. Desta forma, muito se tem questionado acerca das relações estabelecidas entre pais e filhos, as práticas educativas e os estilos parentais adotados. Objetivo principal deste trabalho é analisar as relações parentais, a partir do olhar das mães de crianças com idade de 9 a 12 anos, em diferentes contextos sociais. Foi realizada um pesquisa de campo, do tipo descritivo. Participaram 30 mães residentes na cidade de Campina Grande – PB. Os dados foram coletados por meio de questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. As entrevistas foram analisadas com base na análise de conteúdo bardiniana e o questionário submetido a análise pelo SPSS Statistic, versão 22.0. Os resultados obtidos evidenciou o diálogo com um importante aspecto da relação materna, além da mãe como principal agente educativa, utilizando ainda, de práticas coercitivas para controle do comportamento.

Palavras chave: Relações parentais, práticas educativas, estilos parentais.

INTRODUÇÃO

A família enquanto instituição social, é considerada como principal lócus de construção identitária dos sujeitos, de consciência social e referenciais morais e religiosos, sendo portanto, um dos maiores pilares no desenvolvimento de crianças e adolescentes (COSTA, 2009). Assim, em meio às diversas mudanças históricas, culturais, econômicas e sociais, constata-se novas configurações e formas de organização familiar, as quais acabam por quebrar a hegemonia do modelo tradicional de família nuclear, fundamentado na concepção de casamento heterossexual, sólido e insólvel.

Ademais, verifica-se atualmente nas famílias ocidentais, o surgimento de novos modelos familiares, como por exemplo, as monoparentais, unoparentais e recompostas que apresentam, no seu âmbito, mudanças significativas as quais modificam as relações existentes entre pais e filhos, decorrentes dos novos arranjos familiares (COSTA, 2009).

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, m.araujofm@gmail.com;

² Doutora pelo Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, anacristinaloureiro1@gmail.com;

Desse modo, a reorganização dos padrões de funcionamento observadas no ambiente familiar, possibilita o surgimento de práticas parentais mais democráticas que prezam pelo equilíbrio de poder na relação com seus filhos, promovendo uma maior autonomia através do diálogo e da explicação das consequências comportamentais, do tipo e do funcionamento das regras existentes, contribuindo assim, para o surgimento de um espaço saudável de desenvolvimento e crescimento pessoal (DELATORRE; PATIAS, 2015).

Contudo, Hoffman (1990) buscando analisar a importância das relações parentais no desenvolvimento socioafetivo da criança, argumenta que os pais podem utilizar-se de estratégias educativas mais coercitivas, através de castigos e/ou punições buscando alterar o comportamento de seus filhos e, reforçando a ideia de hierarquia no âmbito familiar e na concentração de poder na figura dos pais.

Buscando compreender as repercussões da autoridade parental sobre o desenvolvimento da criança e do adolescentes, em estudo desenvolvido por Baumrind (1966, 1971), a teórica esquematizou os estilos parentais adotados pelo pais em três categorias: o estilo autoritários, sendo caracterizado por uma relação onde existe alta cobrança para com os filhos, muita imposição, pouca responsividade e ausência de diálogo. O segundo estilo, permissivo, é tipificado por uma relação onde existe muita afetividade, responsividade e ausência de limites. Enquanto que o estilo autoritativo se caracteriza por uma relação mais democrática, que incentiva e valoriza a opinião pessoal dos filhos, construindo uma relação afetiva, mais compreensiva e que respeita o filho enquanto sujeito.

Considerando as contribuições teóricas, o presente estudo objetivou analisar as relações parentais, a partir do olhar de mães de crianças com diferentes idades e contextos sociais, buscando caracterizar os tipos de estilos parentais e práticas educativas utilizadas, os aspectos mais importante dos filhos quando estes não fazem o que elas pedem.

METODOLOGIA

O presente projeto foi realizado pelo grupo de Pesquisa em Psicologia, Desenvolvimento e Educação, do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, campus Campina Grande - PB. O projeto de pesquisa foi realizado no período de agosto de 2018 à agosto de 2019, pelo Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC, cota 2018/2019.

Participaram da pesquisa 30 mães residentes na cidade de Campina Grande - PB, com filhos de 9 a 12 anos de idade. A amostra foi constituída por 15 mães com renda familiar de até um salário mínimo e 15 mães com renda superior a um salário mínimo, independentemente da faixa etária, da escolaridade e do estado civil.

A escolha das mães de diferentes contextos sociais justifica-se pelo fato de que os estudos indicam uma correlação entre as práticas educativas, o estilo parental e o nível socioeconômico dos pais (BEN; WAGNER, 2006; MONDIN, 2008; CARMO; ALVARENGA, 2012). Enquanto que as amostras dos diferentes contextos sociais foram compostas de acordo com o critério de disponibilidade das mães para realização da pesquisa, independente da faixa etária, da escolaridade e do estado civil.

Os dados foram coletados através de um questionário sociodemográfico, caracterizando os dados socioeconômicos das participantes: idade, com quem reside, o nível de escolaridade da mãe e do pai, o rendimento familiar mensal, quem na casa trabalha. Em seguida, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, contendo perguntas abertas referentes ao relacionamento afetivo entre as mães e os filhos, as práticas educativas utilizadas pelas mães, as regras e as formas como estas foram estabelecidas na relação parental, além da forma como as mães agem quando seus filhos não fazem o que elas pedem.

As entrevistas individuais foram realizadas em locais e horários anteriormente determinados, em comum acordo entre as partes interessadas. Todo o processo, aconteceu após assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e do Termo de Autorização para Gravação de Voz. Inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, campus Campina Grande, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012.

Os dados coletados foram analisado de forma qualitativa, fundamentados na técnica de Análise de Conteúdo apresentado por Bardin (2009), compreendendo as seguintes etapas: 1) Pré-análise, que consistiu na transcrição das entrevistas na íntegra, de forma a constituir o corpus da pesquisa e a delimitação dos indicadores; 2) Exploração do material ou codificação, quando foram realizadas releituras do corpus do texto em busca do agrupamento das falas das mães, em ambas as amostras, considerando os diferentes contextos sociais; 2) Tratamento dos resultados, constituindo as categorias por meio do agrupamento de respostas que possuíam características comuns, utilizando o processo de quantificação das frequências.

Após identificação das categorias com suas respectivas frequências, utilizou-se o Teste de X^2 de Pearson, por meio da Tabela de Referência Cruzada (SPSS), visando identificar as

possíveis diferenças significativas entre as respostas das mães com renda até um salário mínimo e das com renda superior a um salário mínimo.

Para este artigo foram utilizadas as respostas trazidas pelas mães relativas às perguntas: “*O que você acha mais importante na relação com seu filho?*”; “*Na sua casa, quem, frequentemente, dá orientação ao seu filho?*”; “*Você costuma conversar com seu filho? Se sim, sobre o quê?*”; “*O que você costuma fazer quando seu filho não lhe obedece?*”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dados Sociodemográficos

As participantes que possuem renda familiar acima de um salário mínimo (amostra 1), observou-se que 86,6% são casadas, 6,7% solteira e 6,7% viúva, com idades variando entre 32 e 60 anos. Verificou-se que 53,3% possuem ensino superior completo, 20% ensino superior incompleto, 20% ensino médio completo e 6,7% médio incompleto.

A escolaridade paterna indica que 40% possuem ensino superior completo, 40% médio completo, 6,7% médio incompleto, 6,7% fundamental completo e 6,7% fundamental incompleto. Em relação a renda familiar, 73,7% indicaram rendimento mensal acima de dois salários mínimos, enquanto que 26,7% acima de um ou até dois salários mínimos.

No que se refere as participantes com renda até um salário mínimo (amostra 2), 53,3% são casadas, 40% solteiras e 6,7% viúvas, com idades variando entre 27 anos até 63 anos. Observou-se que 20% das mães possuem ensino superior completo, 33,4% médio completo, 6,6% médio incompleto, 26,6% fundamental completo, 13,4% fundamental incompleto.

A escolaridade paterna evidenciou que 33,3% possuem ensino médio completo, 20% fundamental incompleto, 6,6% médio incompleto, 6,6% fundamental completo e 33,5% das mães não informou a escolaridade dos pais. No que é relativo a renda familiar mensal, 86,6% possuem rendimento mensal de até um salário mínimo, enquanto que 13,4% renda inferior a um salário mínimo.

Dados de Análise Semântica

Em relação à questão “*O que você acha mais importante na relação com sua filha?*” configurou-se as seguintes categorias: *Diálogo*, a partir do agrupamento de respostas das mães

referentes a importância do diálogo, ao explicar o porquê das coisas, ao conversarem sobre todos os assuntos; *Valores morais*, agrupados diante das falas sobre amor, respeito, carinho, confiança e temor; e *Amizade*, constituiu-se no agrupamento das respostas referentes a amizade e cumplicidade como maior importância na relação.

As respostas foram agrupadas conforme a Tabela 1, após o processo de categorização. A categoria *Diálogo* e *Valores Morais* apresentaram as mesmas frequências de respostas, enquanto que a categoria *Amizade* apresentou menor frequência.

Tabela 1. Frequência e percentuais as respostas às categorias relativas à perguntas “Na sua casa, quem, frequentemente, dá orientação aos seus filhos?”

Categorias	Amostra 1		Amostra2		Total	
	f	%	f	%	f	%
Diálogo	30	83,3%	6	16,7%	36	100,0%
Valores Morais	30	68,18%	14	31,9%	44	100,0%
Amizade	9	32,1%	19	67,9%	28	100,0%
Total	69	63,8%	39	36,2%	108	100,0%

$X^2 = (3; N = 108); p < 0,05$

Observou-se uma diferença significativa a nível estatístico, entre as mães de renda até um salário mínimo das mães com renda superior a um salário mínimo. Assim, foi possível verificar que o diálogo e os valores morais apareceram com maior preponderância no relacionamento com os filhos, enquanto que as mães de renda inferior a um salário mínimo, os valores morais e amizade são elementos de maior destaque.

A utilização do diálogo, por parte das mães com renda superior a um salário mínimo, como ferramenta de orientação, se mostra de forma imprescindível para o estabelecimento de práticas parentais mais democráticas e que prezam pelo equilíbrio nas relações dentro do ambiente familiar (DELATORRE; PATIAS, 2015). Segundo Patias, Siqueira, Dias (2013) as famílias de nível socioeconômico mais elevado e com maior escolaridade, tendem a utilizar de práticas mais indutivas, que possibilitam a presença do diálogo e da comunicação, tornando-se um fator protetivo no processo de desenvolvimento.

Ainda, Patias, Siqueira, Dias (2013) trazem que os pais com nível socioeconômico inferior e escolaridade mais baixa, tendem a priorizar mais o repasse de valores relacionados a bons modos, obediência, de forma que, acabam por fazer o uso de estratégias menos democráticas, como pode ser observados pelos resultados apresentados pelas mães com renda

inferior a uma salário mínimo. Contudo, é fundamental considerar a importância dos laços afetivos na relação entre pais e filhos, considerando que este fator possibilita o desenvolvimento saudável de competências sociais, por parte dos filhos, pois permite um melhor ajustamento e adaptação aos ambientes no qual estão inseridos (DESSEN; POLÔNIA, 2007).

Quando questionadas “*Na sua casa, quem, frequentemente, dá orientação aos seus filhos?*” foi possível identificar que 81,8% indicaram a si como principal orientadora, 14,6% apontaram ambos os pais como responsáveis pela orientação e 3,6% o pai como principal orientador, não apresentando diferença significativa entre as duas amostras, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2. Frequência e percentuais as respostas às categorias relativas à pergunta “*Na sua casa, quem, frequentemente, dá orientação aos seus filhos?*”

Categorias	f	%
A mãe	45	81,8%
A mãe e o pai	8	14,5%
O pai	2	3,6%
Total	55	100,0%

$X^2 = (3; N = 55); 0,230; p > 0,05$.

Desta forma, é possível observar a mãe, ainda, como principal fonte de orientação e principal agente na educação de seus filhos, apesar dos novos arranjos familiares, decorrentes das mudanças históricas, econômicas, políticas e sociais, como por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o surgimento dos métodos contraceptivos, aumento da mobilidade conjugal (COSTA, 2009).

Além disto, é possível observar que a compreensão da mãe como principal orientadora, contribui para a manutenção desta enquanto principal responsável pela formação dos valores morais na relação com seus filhos, como também, a principal fonte de afeto, cuidado e proteção, enquanto que ao pai, cabe a responsabilidade do sustento financeiro da família (LINS et al 2015).

Em relação a pergunta “*Você costuma conversar com seus filhos?*” observou-se uma frequência de 100%, de forma que todas as participantes responderam sim. Diante da afirmativa foi questionado sobre o que as mães conversam, configurando as seguintes categorias: *Escola e Curso*, identificado a partir do agrupamento de respostas relativas ao ambiente escolar, sobre os amigos, sobre a rotina escola, sobre algum curso; *Cotidiano*,

agrupou-se diante das falas que se referem ao dia-a-dia dos filhos, da família; *Mídia*, nomeado perante as falas das mães acerca do que os filhos veem nas redes sociais, na televisão, na internet.

Ainda, outra categoria, *Valores Morais*, foram agrupadas a partir de respostas que evidenciaram o que os filhos podem e não podem fazer, sobre sexo, sobre namoro, sobre egoísmo, preconceito, discriminação, respeito e companheirismo; e por fim, *Família*, referente ao agrupamento de respostas que enfatizam a família como um assunto de destaque na conversação com os filhos. Ambas as amostras - mães com renda superior a um salário mínimo e mães com renda inferior a um salário mínimo - não apresentou diferença estatisticamente significativa.

Conforme pode ser observado na Tabela 3, a categoria *Valores Morais* apresentou maior frequência, seguida pela categoria *Escola e Curso*. As categorias *Cotidiano*, *Mídia* e *Família* apresentaram menor índice de frequência.

Tabela 3. Frequência e percentuais das respostas às categorias relativas à pergunta “Se sim, sobre o que você conversa?”

Categorias	f	%
Valores Morais	41	43,1%
Escola e Curso	25	26,3%
Cotidiano	20	21%
Mídia	6	6,3%
Família	3	3,1%
Total	95	100,0%

$X^2 = (5; N = 95); 5,829; p > 0,05$.

Nota-se portanto, o diálogo como um importante aspecto observado, demonstrando a conversa como uma característica fundamental da relação materna, de forma que 100% das participantes utilizam este tipo de recurso com seus filhos. Portanto, ao serem questionadas sobre o que frequentemente conversam, os valores morais apresentou frequência de 41,3%.

Segundo Costa (2009), apesar de todas as transformações vivenciadas atualmente, ainda é no seio familiar que emerge a formação de aspectos que concerne a identidade de sujeito, o estilo de vida, o tipo de educação, os valores morais e religiosos, sendo os pais as principais referências para tal construção. Contudo, a mãe mantém-se como principal agente responsável pela educação, cuidado e criação dos filhos, fruto de uma clara distinção entre os papéis de pais

e mães (LINS et al 2015; SILVA; BUENO; RIBEIRO, 2014). É possível observar portanto, a partir dos dados obtidos, a concepção da mãe como principal agente responsável pela formação dos valores morais, mesmo que, atualmente, haja uma maior mobilidade quanto aos papéis desempenhados pelos pais.

Por fim, quando questionadas “*O que você costuma fazer quando seus filhos não lhe obedecem?*” agruparam-se as respostas nas seguintes categorias: *Grita*, agrupamento diante das respostas referentes ao gritar das mães quando os filhos não obedecem; *Bate*, nomeado a partir das falas referentes ao uso da punição física pelas mães; *Castiga*, agrupamento de respostas no qual as mães retiram algo que os filhos gostam como forma de punição, desde o celular, a televisão, passeio, notebook, bicicleta, jogo. E por fim, *Adverte*, categoria diante das falares acerca da advertência e ameaça quando os filhos não obedecem.

Conforme pode ser observado na Tabela 4, a categoria *Castiga* apresentou maior frequência, seguida pela categoria *Adverte*. As categorias *Bate* e *Grita* apresentaram menor índice de frequência.

Tabela 4. Frequência e percentuais as respostas às categorias relativas à pergunta “*O que você costuma fazer quando seus filhos não obedecem?*”

Categorias	f	%
Castiga	58	63%
Adverte	14	15,3%
Bate	11	11,9%
Grita	9	9,8%
Total	92	100,0%

$X^2 = (4; N = 92); 3,853; p > 0,05$.

Observa-se que, apesar de todas as participantes reconhecerem o diálogo como uma aspecto importante na relação com seus filhos, ao serem questionadas sobre o que fazem quando seus filhos não obedecem, o principal artifício utilizado é o castigo. Segundo Alvarenga e Piccinini (2009) a utilização de práticas coercitivas, como castigos e/ou punições, tornam-se estratégias disciplinadoras em busca de mudanças comportamentais, principalmente quando os filhos apresentam comportamentos considerados inadequados pelos pais, além de contribuir na permanência de um controle excessivo sobre os mesmos.

Ainda, segundo Alvarenga e Piccinini (2009) essas estratégias parentais tornam-se progressivamente coercitivas, a partir da ineficiência das práticas educativas, o que reforça

ideia de hierarquia no âmbito familiar e da concentração de poder na figura dos pais, através da punição física, da ameaça, do xingamento, entre outros fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi possível evidenciar o olhar das mães acerca da relação com seus filhos, evidenciando o diálogo como um importante indicador de uma relação mais democrática dentro do ambiente familiar, o que pode vir a indicar a concepção do diálogo como um preditor de uma relação mais saudável e não mais centrada na relação de poder entre as figuras parentais e seus filhos. Este fator, pode apresentar também, a indicações de possíveis modificações culturais quanto as práticas educativas e, decorrentes das transformações vivenciadas em nossa sociedade.

Contudo, é possível observar ainda, a utilização de práticas educativas mais coercitivas, que priorizam a punição e castigo como forma de orientação quanto ao comportamento dos filhos, principalmente quando estes não obedecem, o que acaba por configurar a permanência de uma hierarquia parental dentro do ambiente familiar, produzindo, muitas vezes, relações baseadas não no diálogo, mas no poder.

Além destes fatores observados, a figura materna, ainda, se mostra como aquela que mais frequentemente exerce o papel de orientação e condução educativa, enquanto que há um indicador de menor frequência quanto a presença do pai na orientação de seus filhos, e este fato, pode ser observado em ambas as amostras, tanto das mães com renda superior a um salário mínimo, quanto as mães com renda inferior a uma salário mínimo, pressupondo a mãe como principal agente no processo educativo, independentemente da sua condição social.

Por fim, é preciso considerar que a pesquisa trata-se de um recorte e que apresenta certa limitação. Contudo, faz-se necessário reconhecer os resultados obtidos, fecundando maior compreensão acerca de como se apresenta as relações parentais, mais especificamente entre mães e filhos. Assim, a pesquisa contribuiu demasiadamente na ampliação do conhecimento teórico e perspectivas acerca do campo de atuação da psicologia, mas é preciso propiciar novas pesquisas acerca desta temática, para que haja maior compreensão das dificuldades e desafios vivenciadas nesta relação.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2009.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, v. 4, n. 1, 1971.

BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, no 37, v4, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1126611>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.

BEN, A. L.; WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 11, n. 1, p. 63-71, jan./abr. 2006.

CARMO, P. H. B do, ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, maio- agosto/2012; v.17, n. 2, 2012.

COSTA, L. F. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. *Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

DELATORRE, M. Z.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e relacionamento entre pais e filhas adolescentes grávidas e não-grávidas. *Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 141-150, 2015.

DESSEN, M. A; POLÔNIA, A C. A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v 17, n. 3, p. 21 – 32, 2007.

HOFFMAN, M. L. *The Contribution of empathy to justice and moral judgement*. In W.M. Kurtines, 7 J. L. Gewirtz (Eds.) *Handbook of Moral Behavior and Development*. v.1, New Jersey: LEA, 1990.

LINS, Z M. B.; SALOMÃO, N. M. R.; LINS, S. L. B.; FÉRES-CARNEIRO, T.; EBEHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP*, v.16, n. 1, 2015.

MONDIN, E. M. C. Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia e Argumento*. 26(54), p.233-244, jul./set. 2008.

PATIAS, N. D. SIQUEIRA. A. C.; DIAS, A. A. Os Direitos da Criança e do Adolescente na Percepção de Adolescentes dos contextos urbanos e rural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 2, 2013.